

Por um jornalismo sonoro com perspectiva de gênero

Por un periodismo sonoro con perspectiva de género

Towards an audio journalism with a gender perspective

Debora Cristina Lopez

Resumo

Neste artigo, partimos do conceito Jornalismo com perspectiva de gênero para propor a incorporação de características e elementos próprios do objeto sonoro na construção do Jornalismo sonoro com perspectiva de gênero. De caráter ensaístico e propositivo, a pesquisa considera o gênero como categoria e discute construções discursivas e materialidades próprias do objeto sonoro no jornalismo com perspectiva de gênero.

Palavras-chave: Jornalismo sonoro com perspectiva de gênero; Estudos radiofônicos; Estudos de gênero; Sonoridades.

Resumen

En este artículo, partimos del concepto de periodismo con perspectiva de género para proponer la incorporación de características y elementos propios del objeto sonoro en la construcción del periodismo sonoro con perspectiva de género. De carácter ensayístico y propositivo, la investigación considera el género como categoría y analiza las construcciones discursivas y las materialidades propias del objeto sonoro en el periodismo con perspectiva de género.

>> Como citar este texto:

LOPEZ, Debora Cristina. Por um jornalismo sonoro com perspectiva de gênero. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 03, p. 09-34, set./dez. 2025.

Sobre a autoria

Debora Cristina Lopez
debora.lopez@ufop.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-1030-1996>

Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Professora do PPGCOM e da graduação em Jornalismo (UFOP) e bolsista Produtividade em Pesquisa PQ2 (CNPq). Coordena o Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e o Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef). É coordenadora adjunta do GT Estudos Radiofônicos da Compós. Integra o Laboratório de Humanidades Digitais (UFOP), o Coletivo Andorinhas (UFOP), o Observatório Caleidoscópio Sul-Sudeste vinculado ao INCT Caleidoscópio (UnB) e a Rede Brasileira de Mulheres Cientistas (RBMC).

Palabras clave: Periodismo sonoro con perspectiva de género; Estudios radiofónicos; Estudios de género; Sonoridades.

Abstract

In this article, we start from the concept of gender-sensitive journalism to propose the incorporation of characteristics and elements specific to sound in the construction of an audio journalism with a gender perspective. Essayistic and propositional in nature, the research considers gender as a category and discusses discursive constructions and materialities specific to audio objects in gender-sensitive journalism.

Keywords: Audio journalism with a gender perspective; Radio studies; Gender studies; Soundscapes.

Introdução

Mataram o rádio. Uma vez. Duas vezes. Incontáveis vezes. Podemos dizer que ele é uma das linguagens mais resilientes que podemos encontrar. Com sua capilaridade, a sonoridade integra-se à comunicação audiovisual e digital. Mas sua representação central, o rádio, segue firme, metamorfoseando-se e reforçando a cada dia seus laços com as práticas comunicacionais contemporâneas. Debora Cristina Lopez (2009) e Nair Prata (2009) já diziam isso no início deste século. Enquanto uma defendia a integração do som nos ambientes digitais, destacando a manutenção da espinha dorsal narrativa sonora, a outra explorava as mutações a partir do conceito de radiomorfose. Em comum, a permanência do rádio como um fenômeno comunicacional e acadêmico que mantinha sua força e a relação estreita com as audiências. As autoras falam, neste período, sobre os novos espaços ocupados pelo rádio e as formas de narrar que vão além do som, apropriando-se das linguagens e dinâmicas de circulação digitais para compor esta metamorfose comunicacional. Caminho similar toma Marcelo Kischinhevsky (2016), ao centralizar o debate nas gramáticas de circulação do rádio em movimentos de expansão a outros territórios.

Neste texto, partimos do cenário da radiomorfose (Prata, 2009),

entendendo que cada mudança na ecologia midiática vai gerar impactos tanto nos meios produtivos quanto nos estudos sobre ele (Cunha, 2021). Ao olhar para os estudos radiofônicos, compreendemos que seu objeto se apresenta complexificado, mas não somente pela tecnologia. Concordamos com Debora Cristina Lopez e Luãn Chagas (2022), quando indicam que a multidimensionalidade do objeto sonoro vai além disso.

Importante demarcar que partimos aqui da compreensão do podcasting como parte do rádio como fenômeno de pesquisa e comunicação. Entendendo-o como linguagem, reconhecemos que não só é tributário, mas integra o som como linguagem e se apropria de modos de contar caracteristicamente radiofônicos. O podcasting se “configura como um fenômeno multifacetado e complexo, que potencializa a experiência radiofônica através da proximidade, do trabalho cuidadoso da narrativa sonora, do diálogo e das dinâmicas de escuta, imbricando-a à onipresença e ao enredamento que marca a comunicação digital” (Lopez, 2024, p. 12).

A consideração da multidimensionalidade e da complexidade do objeto radiofônico – ou sonoro, para aqueles não compreendem o podcasting como parte do rádio – agrega aspectos de mediação, de materialidade, de circulação, de sonoridade, de discursividade, de produção e de consumo. Entendemos que os aspectos da mediação e da materialidade são indissociáveis da própria compreensão do objeto. Os demais aspectos, no entanto, são percebidos mas podem ser acionados ou não na sua descrição ou na percepção de suas especificidades em uma dada pesquisa. Entendemos que as dimensões da circulação e do consumo se aproximam à materialidade e que a discursividade e a produção se aproximam da mediação. Todos estes aspectos, no entanto, condicionam e estão condicionados à sonoridade, elemento chave constituinte do objeto sonoro (Figura 1).

Figura 1 – Aspectos do objeto sonoro



Fonte: elaboração própria

Estes aspectos não são excludentes ou hierarquizáveis, mas complementares e transversais. Desta forma, consideramos que não é possível compreender qualquer um deles isoladamente, mas podemos perceber protagonismos – que podem ser estabelecidos pelos sujeitos da comunicação sonora ou pelos objetivos de um estudo específico. Defendemos ainda que estes aspectos que caracterizam o objeto sonoro sejam sempre observados de maneira contextual, entendendo que as temporalidades e as territorialidades trespasam processos comunicacionais, definindo ações e leituras possíveis dos fenômenos. Podemos aplicar aos objetos sonoros o que dissemos anteriormente sobre o podcast: “[...] não podemos entender o fenômeno do podcasting sem entender sua história e seu presente. E isso implica compreender quem faz, fez ou foi impedido de fazer história nestes espaços e em quais condições isso ocorreu” (Lopez, 2024, p. 14).

Neste debate, concordamos com Rosceli Kochhann (2024b), que apresenta o rádio como um fenômeno multifacetado que tem no som a sua centralidade, mas aciona estratégias parassonoras para alcançar sua potencialidade central, a construção de vínculos e as interações. Para a autora, esses vínculos podem ser potencializados pelas plataformas digitais, mas

ancoram-se fundamentalmente na escuta e no acionamento de “áreas emocionais”, não somente da “área pensante” do ouvinte (Kaplún, 2008), conectando-se às vivências afetivas e potencializando a criação de laços.

Para Rosceli Kochhann (2024b, p. 11), “o rádio sempre acompanhou o movimento de uma sociedade em constante transformação”. Defendemos que esta mudança não é exclusivamente tecnológica, mas atende a movimentos socioculturais que caracterizam a sociedade em cada tempo histórico. Desta forma, os estudos que endereçam os aspectos constitutivos do objeto sonoro devem considerar esses contextos transformadores, como as categorias de gênero, raça, território, corporeidades, entre outras. Isso não significa dizer que defendemos que **toda** a pesquisa sobre estudos radiofônicos desenvolvida contemporaneamente centre seu olhar em questões do campo do sensível, mas sim que estes temas **precisam** ser considerados como contexto do fenômeno. Isso se deve a uma crença na indissociabilidade da técnica, da ética e da estética na constituição de fenômenos comunicacionais alocados temporalmente.

Entendemos que os aspectos delimitação da multidimensionalidade do objeto sonoro (circulação, materialidade, sonoridade, discursividade, produção e consumo) permitem compreender os eixos de construção de abordagens metodológicas para análise de som que indicamos: a) o som como guia da experiência; b) a observação dos elementos sonoros e parasonoros; c) a articulação contextual do objeto radiofônico; d) as tecnologias e suas apropriações nas práticas radiofônicas.

Considerando o som como base identificadora da comunicação radiofônica, iremos tomá-la como ponto de partida e centralidade, articulando seus acionamentos com as demais variáveis. Acionamos Roscéli Kochhann (2024a) uma vez mais, organizando nosso debate a partir do microssistema sonoro e apropriando-nos do microssistema parassonoro como complementar, no caso de objetos de circulação digital.

Figura 2 - Representação visual de elementos constituintes de microssistemas sonoros e parassonoros



Fonte: Kochhann, 2024a, p. 203

A autora defende que os elementos integrantes dos microssistemas sonoro e parassonoro são regularmente identificados em objetos radiofônicos e, por isso, constitutivos do próprio fenômeno, sendo acionados em maior ou menor complexidade de acordo com a orientação da pesquisa ou com a natureza do objeto. Nesta proposta, vamos nos concentrar no microssistema sonoro, formado pelos elementos constitutivos da linguagem radiofônica (Kaplún, 2017 [1978]) organizados em um sistema semiótico (Balsebre, 1994) que permite entender reconstituições de sentido a partir de articulações acústicas.

Carmen Lúcia José (2007) já revelava, na primeira década deste século, que a academia olhava de maneira muito modesta para a sonoridade e à oralidade priorizando, segundo o seu diagnóstico, “dois aspectos: 1. da compreensão da composição por parte da recepção e/ou 2. dos efeitos da composição sobre a audiência” (José, 2007, p. 179). As sonoridades, em uma perspectiva complexa, não devem estar restritas às verbalizações da palavra

escrita ou sobrepostas pelo microssistema parassonoro. É momento de dar um “passo atrás”, buscando voltar a escutar o fenômeno radiofônico, não só ouvi-lo (Meditsch e Betti, 2019), não só vê-lo em suas outras manifestações midiáticas.

Mozahir Salomão (2004) falava em uma fragilização do ouvir e clamava por uma reeducação para o ouvir, com caráter pedagógico que leva a reposicionamento do indivíduo frente à informação sonora. Acionando a pesquisadora alemã Hildegard Westerkamp alerta que “a maioria de nós vem sendo condicionada (...) a ignorar o ambiente sonoro, incluindo o rádio” (*apud* Salomão, 2004, p. 2). Quase 20 anos depois, podemos dizer que identificamos complexificações sonoras nas produções brasileiras, especialmente nos podcasts narrativos e ficcionais (Viana, 2023; Alves, 2021; Santos, 2022; Silva e Maia, 2025), mas o rádio de antena ainda vive um cenário de empobrecimento acústico, com predominância do rádio falado.

“O mundano, pobre e restrito universo da palavra expulsou do rádio a força sônica da trilha sonora, dos efeitos especiais... o poder que o rádio teve de tocar a memória e a imaginação do ouvinte pela sensorialidade se enfraquece diante de um mundo tomado pela imagem e cada vez mais deseducado para a escuta” (Salomão, 2004, p. 7). Ainda que haja certa dramaticidade na fala do pesquisador, sua análise sobre as perdas da composição estética do rádio brasileiro pode ser pensada ainda hoje. Não podemos dizer que a causa seja exclusivamente um mundo tomado pela imagem. A fragilização atinge o posicionamento do rádio no mercado de comunicação. Com menor fatia do bolo publicitário e sofrendo para conseguir novas formas de financiamento, o investimento nas redações diminuiu e levou à precarização das condições de trabalho. A formação de profissionais “para o mercado”, com menor investimento em experimentações narrativas e sonoras também cobra seu preço a médio e longo prazo.

O chamado é amplo. Como defendia Carmen Lúcia José (2007), devemos “desencaixotar” pesquisas que consideram a centralidade das sonoridades e oralidades nos estudos radiofônicos. Devemos pensar a prática jornalística em diálogo com Paulo Freire, como defende Eduardo Meditsch (2012), observando o

mundo a partir da perspectiva da transformação, entendendo o jornalismo como prática emancipatória e o seu ensino como uma responsabilidade crítica e coletiva. Desta forma, o ensino de rádio tem a responsabilidade também de retomar a escuta (em todas as suas dimensões), de pensar como é possível contribuir para a transformação através do estabelecimento dos vínculos, que no rádio são construídos, em grande medida, a partir da (re)composição sonora (Kaplún, 2008).

Atendemos ao chamado na reflexão sobre os fazeres científicos e metodológicos sobre rádio e mídia sonora a partir da dimensão sonora. Para entender o lugar do microssistema sonoro na comunicação radiofônica, acionamos o conceito de autoria apresentado por Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (2019) a partir de J. Martin Daughtry. Isso significa dizer que a auditoria se constrói a partir de uma perspectiva ativa, reflexiva, demandando uma postura de escuta. Buscamos, então, compreender o som, não simplesmente ouvi-lo, abstraindo, construindo e deduzindo, como defendem os autores. Ancorados nos aspectos auditáveis do som como técnica de observação, defendemos o foco em elementos não-verbais, sejam eles os silêncios, as trilhas, os efeitos, o som ambiente, a voz (não restrita à palavra) e, especialmente, suas articulações na composição de cenas, ambientes, sensações e paisagens sonoras.

Como defendem Carlos Jáuregui e Debora Cristina Lopez (2021), os sons (no caso dos autores materializados em sonificações de dados) têm potencial de acionar gatilhos emocionais e de ampliar a proximidade e a imersividade das produções. Isso ocorre especialmente a partir do que Eduardo Meditsch (2001) chama de propriedades físicas do som: amplitude, frequência ou tom, timbre e curva dinâmica. A partir das duas primeiras é possível identificar intensidade, volume e altura do som. Pela sua combinação pode-se perceber a identidade do som e pela curva dinâmica é possível relacionar variáveis de amplitude ou velocidade do som. O autor propõe associar essas categorias aos estudos musicais, acionando tempo ou andamento, melodia e ritmo para entender a

relação entre os sons. Desta forma, seria possível inferir sentidos sonoramente inscritos na construção sonora da peça.

Debora Cristina Lopez e Vitor Hugo de Oliveira-Lopes (2024), ao pensar uma metodologia de análise do discurso aplicada à mensagem sonora, propõem associar esses dois grupos de categorias à corporeidade da voz (Spritzer, 2005), aos demais elementos da linguagem sonora (Balsebre, 1994) e às estratégias de montagem (Kaplún, 2017 [1978]). Podemos dizer que os autores apresentam a montagem como elemento central de uma análise de sonoridades ao buscar sentidos inscritos na articulação não só entre as categorias apresentadas, mas especialmente entre os sons. Então, o encadeamento, a interrupção, o prolongamento, a aceleração, a sobreposição de sons, quando pensada a partir de contextos discursivo, de acontecimento e sociocultural permite construir e perceber mensagens e vínculos na mensagem sonora.

A questão de gênero nos estudos radiofônicos

O debate sobre gênero no jornalismo sonoro gira prioritariamente em torno da voz. Seja a voz figurativa, que representa o direito à fala, a garantia da escuta e o reconhecimento da argumentação, seja a voz literal, com suas corporeidades, seu espaço na transmissão e nos processos de produção, a credibilidade na fala, a voz está sempre relacionada com o poder sobre si, sobre suas decisões e sobre sua colocação no mundo. No rádio, as disputas e negociações têm relação estreita com a voz e com a fala. Como lembra Mirna Spritzer (2005), é pela voz que a pessoa se personifica no rádio, que se demarcam suas identidades, suas interações e suas representações.

Nos estudos radiofônicos brasileiros, os debates sobre o gênero ampliaram-se na última década, especialmente a partir do início do projeto de pesquisa coletivo “A história das mulheres no rádio do Brasil - revisão do relato histórico.”, coordenado por Juliana Gobbi Betti e Valci Zuculoto - como apresentado em Betti e Zuculoto (2021) - e que mobiliza integrantes de diversas regiões brasileiras em um esforço para registrar e reconhecer a presença das

mulheres na história do rádio no país. Partindo do gênero como categoria analítica (Scott, 1995), as autoras não buscam construir uma história das mulheres no rádio, mas rever certezas históricas, corrigindo apagamentos e silenciamentos do protagonismo feminino na história do rádio. A ideia é fugir ao paradigma do homem como sujeito universal e, portanto, sujeito da história, que relega as mulheres: a) a um papel coadjuvante, de apoio às ações e conquistas masculinas; b) a um contexto de tokenização¹, em que a presença de uma mulher é utilizada como argumento para negar a perspectiva universalizante do homem como protagonista; c) ao desenvolvimento de uma história das mulheres no rádio paralela à história do meio, escrita por e sobre homens, que manteria seu caráter canônico.

Ancoradas na obra de Constância Duarte, a pesquisa de Raphaela Ferro e Valci Zuculoto (2025) explicam que existe um memoricídio na história do rádio brasileiro, levando a um apagamento cultural das mulheres. Seria um “processo de opressão e negação da sua participação ao longo da história, pois, ao eliminar a memória de luta e resistência ao patriarcado, a História impôs o silêncio e a invisibilidade às pioneiras” (Duarte *apud* Ferro e Zuculoto, 2025, p. 2).

Entendemos a existência deste silenciamento também na pesquisa. Consideramos, a partir de estudos anteriores (Lopez *et al.*, 2024; Lopez, Betti e Freire, 2025; Lopez *et al.*, 2025) que, ainda que sejam predominantes nos cargos de gestão e sejam maioria, são menos reconhecidas como produtoras de conhecimento. Seus textos são menos referenciados, alcançam com mais dificuldade os postos mais altos da gestão acadêmica. Ao analisarem as pessoas mais referenciadas em textos do GT História da Mídia Sonora da Alcar,

¹ “Os tokens são descritos como não apenas pessoas “desviantes” ou que se diferem do grupo, mas pessoas identificadas pelas características atribuídas, como gênero e raça, que carregam pressupostos sobre sua cultura, status e comportamento por parte dos dominantes. Nestes grupos, existem três fenômenos associados aos tokens: (i) a visibilidade, em que eles obtêm uma parcela desproporcional de atenção e que gera pressões sobre o desempenho; (ii) a polarização, em que as diferenças entre tokens e dominantes é exagerada e que gera maiores limites por parte dos dominantes; e (iii) a assimilação, em que os atributos dos tokens são distorcidos para se encaixarem em generalizações pré-existentes do seu grupo e que gera o confinamento dos tokens em papéis pré-concebidos” (Trindade, 2025, p. 28).

Juliana Gobbi Betti, Debora Cristina Lopez, Marcelo Freire e Livia Gariglio (2024) concluíram que há uma pulverização de referências a homens e uma concentração de referências a mulheres. Isto é, poucas mulheres são autorizadas ao reconhecimento como fonte no campo, enquanto o reconhecimento aos autores homens é quase compulsório, sem precisar ser conquistado. As mulheres presentes na lista de autorias mais referenciadas são ou ex-coordenadoras de grupos ou pioneiras em suas áreas, o que lhes atribuiria validade e autoridade. Então, apresentam alta concentração de citações. Já entre os homens, ainda que os mais referenciados também sejam os ex-coordenadores, percebe-se maior diversidade de sujeitos e distribuição mais equilibradas das referências.

Uma visão compartilhada por todos os textos que analisam a questão de gênero nos estudos radiofônicos brasileiros é de que não se trata de uma representação de fragilidade acadêmica e baixa autoridade construída deliberadamente, mas que é naturalizada, vinculada a uma estrutura centrada no machismo estrutural e na depreciação da capacidade reflexiva das mulheres. “O movimento de questionar as práticas de pesquisa, os modos e processos do fazer científico e de rever epistemologias consolidadas historicamente está diretamente relacionado à maturidade do campo de conhecimento” (Lopez *et al.*, 2025, p. 178). As autoras lembram que nos estudos radiofônicos brasileiros este é um esforço coletivo que, embora já tenha se iniciado, demanda uma racionalização do ponto de vista em relação ao meio, à sua história, ao seu ensino e aos seus modos de fazer. Lopez *et al.* (2025) defendem que esta mudança de postura diz respeito não só ao gênero, mas às interseccionalidades, e apontam as epistemologias plurais como um caminho a seguir.

Esta perspectiva estruturalmente misógina e racista repercute também nas práticas de ensino, muitas vezes sem que percebamos que as replicamos. No Brasil, ensino e pesquisa são integrados, desenvolvidos pelos mesmos sujeitos das universidades. Compreende-se que as pessoas que hoje participam dos grupos de pesquisa de rádio nas associações são as que ensinam rádio nos

bancos escolares. E são os estudantes de pós-graduação que hoje participam destes mesmos fóruns de debates que, com o passar dos anos, ocuparão espaços nas redações e nas universidades. Se seu processo formativo é construído a partir de referências universalistas, elaboradas a partir de um ponto de vista masculino, cisheteronormativo, branco e elitista, é deste lugar que se elaborarão suas premissas sobre o fazer jornalístico e o fazer radiofônico.

Uma formação em rádio – e radiojornalismo – conectada com os debates e preocupações do mundo contemporâneo aciona autorias e vozes diversas, temáticas plurais, questiona abordagens estereotipadas ou que naturalizam violências. Devemos, nos nossos planos de curso de mídia sonora, acionar pesquisadoras mulheres, de identidade de gênero distintas, de etnias variadas. Esta preocupação com a diversidade não é um formalismo, mas representa a compreensão de que a universidade se estabeleceu historicamente como um espaço ocupado por grupos específicos, que construíram processos de subalternização e que, como lembra Cida Bento (2022), reiteram um pacto narcísico de manutenção dos seus iguais nos espaços de poder. Somente a partir da escuta do outro, do reconhecimento dos privilégios e da busca por outros sujeitos e outros pontos de vista será possível pensar um rádio – e um ensino de rádio – que rompa silêncios e silenciamentos, como defende Alice Andrade (2025a).

Buscamos estabelecer um diálogo entre a questão de gênero e perspectivas interseccionais (Collins e Binge, 2021; Carrera, 2021) que reconheçam as diversas avenidas de opressão (Akotirene, 2019) que agem sobre os sujeitos para discutir alternativas ao epistemicídio que, para Sueli Carneiro (2005), materializa o apagamento de saberes de sujeitos subalternizados. Concordamos com Alice Andrade (2025b), que apresenta a escuta como um ato político e antirracista. “Escutar, em uma lógica decolonial, é reconhecer vozes historicamente silenciadas e disputar os modos de produção de memória e conhecimento” (Andrade, 2025b, p. 11). É preciso, como lembra a autora, construir perspectivas teórico-metodológicas que valorizem as oralidades e que

considerem outras formas de narrar, não necessariamente vinculadas a lógicas hegemônicas de produção.

Considerar outros corpos e outras vozes como protagonistas dos processos comunicativos significa expressar práticas sociais que não silenciem sujeitos subalternizados e reconheçam que processos de desumanização e de colonialidade ainda são parte do rádio – e dos estudos radiofônicos – brasileiro. É preciso expandir o questionamento sobre as práticas e escutas para o ensino, acionando autoras e autores negros, indígenas e amarelos; considerando outras formas de pensar o som e seu lugar na cultura brasileira a partir de sua raiz amefricana (Lopez e Carneiro, 2025; Gonzalez, 2021); apresentando sonoridades e vozes diversas como referências de produção e discutindo angulações, valores notícia e fontes constituídas a partir de lugares hegemônicos no ensino de rádio.

“Na perspectiva de Nilma Lino Gomes (2017), não basta incluir negros nos espaços acadêmicos, é preciso incluir os saberes negros – e isso também vale para as pesquisas no campo radiofônico” (Andrade, 2025b, p. 22). O tensionamento de certezas históricas, epistemológicas e técnicas do rádio e do radiojornalismo permite uma integração à perspectiva emancipatória e problematizadora proposta por Kaplún (2017 [1978]).

Compreendemos o ensino de rádio como um fenômeno a ser observado em perspectiva contextualizada, ancorados na abordagem de Kaplún (2017 [1978]), que há quase 50 anos já defendia que “era prioritário estimular a capacidade de olhar a realidade além das aparências”, buscando despertar “consciência crítica” (Magnoni, Villegas Uribe e Betti, 2013, p. 6). Ao construirmos um debate ancorado na categoria gênero (Scott, 1995), propomos uma aproximação à tomada de posição no jornalismo, alinhando-nos à proposta do jornalismo com perspectiva de gênero, tensionando valores fundamentais do campo, como a objetividade, em prol de uma mudança de olhar em relação à profissão, à sua organização e às suas formas de narrar (Gustafson e Bertasso, 2024).

Jornalismo com perspectiva de gênero

O Perfil do Jornalista Brasileiro (Lima, 2022) indica que 57,8% das redações são compostas por mulheres, 41,9% por homens e 0,3% por outros gêneros. “Contudo, se a profissão continua majoritariamente feminina, a participação de mulheres se reduziu em seis pontos em comparação ao estudo anterior (64%): a presença masculina cresceu de 36% para 42%” (Lima, 2022, p. 207). Em relação à raça, predominam as pessoas brancas (67,8%), seguidas de pardas (20,6%), pretas (9,3%), amarelas (1,3%), indígenas (0,4%) e outras (0,5%).

Ainda que quantitativamente sejam maioria, Márcia Veiga da Silva (2014) é categórica ao afirmar que o jornalismo brasileiro é masculino. Segundo a autora, as redações ainda reproduzem relações de gênero e de poder que caracterizam a cultura em que se inserem e o mercado de trabalho. “[...] o sistema patriarcal-capitalista transforma a mulher numa produtora e reprodutora socialmente controlada, explorando o seu trabalho assalariado e não assalariado” (Saffioti, 1987, p. 38). As duas pesquisas refletem a desigualdade nas redações, mas sob pontos de vista distintos. A Women and Leadership in the News Media 2025 indica que mulheres jornalistas recebem em média 5,7% menos que homens. Embora o Perfil do Jornalista Brasileiro diga que “elas são maioria nas redações, porém ocupam menos cargos de gestão, saem mais cedo da profissão e ganham menos” (2022, p. 22), não questiona o contexto destes dados ou porque isso ocorre. Simplesmente aponta a feminização das redações como um vetor de precarização do jornalismo, sem questionar problemas estruturais e misoginia, fazendo recair sobre a mulher, mesmo que inconscientemente, a causa da precarização.

As oportunidades nas redações diferem entre gêneros, assim como a presença de mulheres em cargos de poder, muitas vezes pelo não reconhecimento de sua capacidade de liderança. De acordo com a pesquisa Women and Leadership in the News Media 2025, somente 21% das mulheres atuam em cargos de gestão no trabalho editorial, mesmo que elas sejam maioria. Como lembra Biroli (2015), a posição ocupada pelos sujeitos nas relações de

poder é fundamental para sua capacidade de definir sobre sua própria vida e de acessar recursos para sua atuação. No jornalismo, isso inclui sua percepção sobre as possibilidades de tensionamento de modos de fazer canônicos, estabelecidos historicamente e ancorados nas redações masculinizadas de que fala Veiga da Silva (2014).

O jornalismo com perspectiva de gênero é “aquele que pauta desigualdades de poder vinculadas aos papéis de gênero, permeado na transversalidade e com uma própria ótica de cobertura jornalística” (Miguel e Ávila dos Santos, 2022, p. 173). Como dissemos em relação à história, isso não significa ficar limitado a coberturas de “temas femininos” ou sobre violências contra mulheres. Pautar desigualdades é um ponto de vista e permeia toda a cobertura jornalística, lançando um olhar crítico para a sociedade e buscando compreender como se manifestam essas relações de poder. Busca-se, então, como lembram as autoras, um deslocamento dos posicionamentos hegemônicos ao observar papéis de gênero nas coberturas jornalísticas.

Pensar o jornalismo com perspectiva de gênero e não o jornalismo feminino permite realizar este deslocamento, trabalhando com representações e disputas de poder de maneira transversal. Desta forma, a cobertura não trata de temas delimitados – muitas vezes a partir de uma cultura ou um olhar masculino – como femininos, mas olha para o mundo a partir com um ponto de vista feminista e interseccional. Miguel e Ávila Santos (2022) defendem, então, que o jornalismo com perspectiva de gênero pauta desigualdades de poder e papéis de gênero construindo uma transversalidade na cobertura jornalística que busca trabalhar pela equidade de gênero revelando, deliberada e politicamente, a subordinação feminina na sociedade.

Jaqueline Andriolli Silva e Karina Janz Woitowicz (2024) discutem o jornalismo a partir da colonialidade, defendendo, a partir de Moraes e Veiga da Silva, que são “resultado da colonização dos povos, no contexto brasileiro, do falso discurso da modernidade, além de ser machista, racista, branco, heterossexual e classista” (2024, p. 92). Partindo desta premissa, defendem um

tensionamento das certezas canônicas inscritas nos conceitos de objetividade, neutralidade e imparcialidade. Para as autoras, não se tratam somente de objetivos inatingíveis, mas de mecanismos de legitimação da exclusão. A objetividade, por exemplo, ancora-se em padrões universalizantes que se constituem como subjetividades de grupos dominantes que foram impostos socialmente como objetivos. A partir de Danna Haraway (1995), as autoras retomam o conceito de objetividade corporificada, que defende que conhecimento e objetividade não são neutros, mas influenciado pelo lugar social dos sujeitos. “Em vez de buscar uma visão objetiva e distanciada, Haraway propõe que o conhecimento deve reconhecer suas raízes corporificadas, ou seja, é moldado por fatores como gênero, raça, classe e contexto histórico” (Silva e Woitowicz, 2024, p. 91).

Consideramos neste texto que os sujeitos são políticos e que o jornalismo e a comunicação são atos políticos. Desta forma, o ativismo está inscrito nas práticas cotidianas da comunicação. O processo educativo que se movimenta, como dissemos anteriormente, “o da teoria-prática-teoria ou o da prática-teoria-prática” (Freire & Betto apud Meditsch, 2021, p. 105) impede um posicionamento supostamente objetivo, imbricando-se em experiências de mundo ao construir o jornalismo. O “[...] fazer e o pensar sobre o pensar e sobre o fazer” que Paulo Freire (1996, p. 58) defendeu demanda uma compreensão do caráter político da sociedade, da educação e do jornalismo.

Atendo ao que propôs Eduardo Meditsch (2021) e busco um reencontro da Comunicação com Paulo Freire, mas não somente nos bancos universitários. Entendo o jornalismo com perspectiva de gênero e o questionamento de conceitos canônicos da prática jornalística como o pensar sobre o pensar e sobre o fazer, como uma revisão de diretrizes que nos orientaram por anos – com debates e questionamentos – e que, se olhadas com ponto de vista dialético, perdem seu sentido.

Então, a defesa do jornalismo construído a partir de um ponto de vista pode se ancorar na compreensão dos saberes localizados apresentados por

Haraway (1995) quando fala da objetividade corporificada. “Questionar os já questionados fundamentos do jornalismo a partir de uma perspectiva de gênero significa a possibilidade de mudar o olhar sobre a profissão e redefinir suas técnicas e objetivos” (Gustafson e Bertasso, 2024, p. 174). Isso significa dizer que ainda que a feminização das redações (apresentada como um problema vinculado à precarização no Perfil do Jornalista Brasileiro) seja importante, ela não basta. É preciso pensar na organização das redações, nas disputas internas de poder, nas pressões organizacionais, nas delimitações editoriais. E é preciso mudar os modos de fazer do jornalismo, pensando a definição da notícia e sua hierarquização, a circulação de conteúdo, a seleção e o contato com as fontes e a formas de narrar a partir do gênero.

Isabella Bergo Costa (2022) defende a confrontação da matriz de poder eurocêntrica de produção do jornalismo, orientando-se por um jornalismo decolonial que subverta práticas comunicacionais hegemônicas. Em um caminho próximo, Jaqueline Andriolli Silva e Karina Janz Woitowicz (2024) acionam o enquadramento como uma estratégia de construção de um jornalismo com perspectiva de gênero, revelando possibilidades de um fazer feminista interseccional ancorado “na diversificação de fontes, na problematização da temática ou no uso da linguagem” (p. 96). Entendemos, concordando com o que apontam Barbara Maria Popadiuk e Karina Janz Woitowicz (2021), que o jornalismo com perspectiva de gênero é tanto uma nova categoria de análise quanto uma maneira inovadora de interpretar a realidade, questionando práticas cristalizadas no campo jornalístico. Buscaremos, nesta proposta, pensar como ele se inscreve nos estudos radiofônico, especificamente a partir das sonoridades.

Jornalismo sonoro com perspectiva de gênero

A percepção da importância de pensar um jornalismo sonoro com perspectiva de gênero surgiu ao desenvolver artigos que analisavam produções especiais em podcast sobre aborto. Na primeira delas, o artigo “Jornalismo com

perspectiva de gênero no podcast Caso das 10 mil”, escrito em coautoria com Giovanna Fuccio e Karlo Rodrigues, iniciamos o debate sobre esse modo de fazer que tensiona práticas canônicas do jornalismo. Nele, exploramos questões vinculadas ao fazer, como a seleção e tratamento das fontes, o acionamento de depoimentos e histórias de vida, a angulação da produção, o endereçamento dos direitos reprodutivos buscando fugir de narrativas hegemônicas, estereotipantes e subalternizantes. Ao construir uma análise descritiva, endereçamos o debate sonoro a três eixos: dramaticidade, uso de trilhas e entonações.

Buscando articular descrições verbo-textuais e contextos informativos com a entonação e o acionamento emocional inscrito na voz, especialmente a partir das locuções, apresentamos o “Caso das 10 mil” como uma produção que busca subverter lógicas androcêntricas através da centralidade de depoimentos, informações e análises apresentadas em vozes femininas e, acionando o contexto, das contradições do sistema jurídico-patriarcal. Entendemos que a montagem (Kaplún, 2017 [1978]) foi apropriada na produção como estratégia para evidenciar “como mecanismos aparentemente neutros de produção midiática podem reproduzir desigualdades de gênero” (Lopez, Fuccio e Rodrigues, 2025, p. 15). Essa demonstração surge, por exemplo, no acionamento de entonações e na constituição de corporeidades vocais que geram uma ampliação ou estreitamento da relação entre quem fala e quem escuta ou ainda atribuem protagonismo a uma voz da narrativa. Os aspectos auditáveis do som permitem perceber sentidos inscritos e ressignificar o lugar de sujeitos no acontecimento ou na narrativa, especialmente quando construídas com o propósito de tensionar narrativas e modos de fazer hegemônicos e desnaturalizar hierarquias sociais que subjagam mulheres ou grupos minorizados.

Demonstramos também como a dramaticidade não reativizadora se constrói no discurso sonoro a partir das trilhas sonoras. As histórias articulam-se com o contexto, tensionando relações políticas, sociais, religiosas e legais em busca de uma complexificação narrativa. Acusticamente, a narração

deliberadamente dialogal e o uso de depoimentos nas vozes das jornalistas que produziram a série atribuem uma mínima sensação de leveza aos casos que, associados a trilhas sonoras específicos, conduzem a tensão narrativa.

A articulação entre os sons de frequência mais baixa como fundo para os offs e a montagem que articula silêncios para a criação de expectativa narrativa e o crescendo musical para demarcar pontos de tensão ou suspense são estratégias da montagem para criar um ambiente mais imersivo e gerar identificação emocional (Lopez, Fuccio e Rodrigues, 2025, p. 13).

A trilha assume papel de organizadora da narrativa e demarca mudanças sensoriais na relação das histórias contadas com seu contexto e serve também como explicitação de uma tomada de posição em relação ao tema. Em outro artigo escrito sobre a série especial “Sala de Espera”, que trata de serviços de aborto legal e direitos reprodutivos no Brasil, Debora Cristina Lopez e Gabriely Lemos (mimeo, p. 13) demonstram: “O ambiente sonoro criado pelos sons agudos revela a tensão vivida pelas mulheres e também, a partir da articulação com o baixo que volta a soar nos minutos seguintes, demarca a busca pela garantia de direitos dessas pessoas”.

A montagem, a trilha sonora, a corporeidade vocal materializada na narração demarcam o ponto de vista de gênero a partir de um posicionamento vocal por vezes firme, por vezes dialogal. “As variações de ritmo, de timbre e de tom e sua articulação com a apresentação de trilhas, sons ambientes e falas das fontes buscam garantir uma não revitimização dos sujeitos” (Lopez e Lemos, mimeo, p. 15). O ponto de vista sobre o acontecimento, a tomada de posição que marca o jornalismo com perspectiva de gênero e a preocupação com a transversalidade (Miguel e Ávila dos Santos, 2022) das disputas de poder e com a matriz interseccional de construção narrativa reiteram-se a partir do som. Partindo o olhar de Barbara Maria Popadiuk e Karina Janz Woitowicz (2021), defendemos que o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero propicia não somente novas formas de ver, mas também de escutar o mundo.

Consideramos a escuta aqui como um gesto de reparação, alinhada com a escuta decolonial apresentada por Alice Andrade (2025b). Esta escuta, defende

a autora, é capaz valorizar vozes que produzem percepções e sentidos diversos sobre o mundo. “Incorporar essas vozes como protagonistas da notícia, e não como objeto, exige uma revisão ética, estética e política das práticas jornalísticas” (Andrade, 2025b, p. 23). As reflexões da pesquisa, ancoradas nas questões étnico-raciais, são apropriadas aqui na materialização de um jornalismo sonoro com perspectiva de gênero que, como indicado antes, não pense exclusivamente no gênero. Este movimento seria impossível, já que se trata de uma proposta contextualizada e que busca compreender os fenômenos e acontecimentos a partir de uma complexificação ancorada em relações de poder e desigualdades. Desconsiderar as avenidas de opressão (Akotirene, 2019) ou as hastes interseccionais (Carrera, 2021) e como se materializam nas práticas jornalísticas seria pensar um jornalismo que não considera a plenitude das relações de gênero ao tensionar e questionar posicionamentos hegemônicos no jornalismo.

Conclusões

A reflexão sobre o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero nasce do diálogo com pessoas pesquisadoras e da observação do mundo, dos fenômenos e dos objetos de estudo. Ele nasce de uma virada de chave, de um deslocamento epistemológico que não permite mais olhar para a técnica da comunicação sonora a partir de um ponto de vista singular.

A proposta aparece pela primeira vez em dois textos escritos em colaboração com mestrandos do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Giovanna Fuccio e Karlo Rodrigues, e com a graduanda em Jornalismo (e mestra em Artes) da UFOP, Gabriely Lemos, mas ancora-se no conceito de epistemologias plurais para os estudos radiofônicos, desenvolvida com Juliana Gobbi Betti e Marcelo Freire.

Defendemos, então, que o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero assuma e complexifique as características que Caher e Santoro (2007) apresentam como fundamentais, como a adoção de fontes que tensionem o ponto de vista masculino do jornalismo (Veiga da Silva, 2014); o cuidado com a linguagem, seja na negativa da universalização do masculino, seja

no cuidado discursivo com a representação dos sujeitos, especialmente os que estão em situação de vulnerabilidade; a construção imagética (visual, verbo-textual ou sonora) crítica dos acontecimentos; e, a partir disso, o desenho de um posicionamento editorial crítico, contextualizado e que busque a equidade (Lopez e Lemos, mimeo, p. 15).

A proposta também não pode ser visto como consolidada ou finalizada, mas aponta para uma construção sonora crítica, contextual, antirracista, feminista e ativista que considere o som como protagonista da narrativa e mobilizador social. Tensiona o conceito de jornalismo com perspectiva de gênero, que vem de outras pessoas autoras do campo da comunicação, a partir das características do objeto sonoro, entendendo suas características essenciais. Precisa ser endereçado, nas aplicações possíveis a objetos sonoros, a partir da interseccionalidade, tensionado a partir de outros olhares e outras compreensões de gênero. Mas ele abre caminhos para pensarmos o som e suas especificidades ao tratar das experiências, dos sujeitos, ao pautar temas sensíveis. Busca ainda discutir uma necessidade de uma construção da comunicação sonora a partir do sujeito, retomando a ida a campo, o diálogo com as fontes, a observação e a escuta do mundo, ressensibilizando-nos na construção da informação sonora.

Defender esse jornalismo sonoro com perspectiva de gênero passa inicialmente por questionar processos consolidados no cotidiano do jornalismo, mas não se encerra numa proposição única. Isso porque não se pode dizer apenas que o jornalismo deve passar a ser feito desta forma, com um olhar mais atento ao gênero. Como todo conceito ancorado na ideia de transformação social, o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero não se encerra em si mesmo como uma proposta para o exercício profissional, para a pesquisa ou para a docência, mas se desenvolve de forma espiralar na medida e no ponto em que cada um destes espaços se conecta. Desta forma, o jornalismo sonoro com perspectiva de gênero, ainda que se materialize na prática comunicacional, se nutre na docência que, por sua vez, se torna mais crítica a partir da reflexão científica sobre a prática.

Referências

AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen Editorial, 2019.

ALVES, João Vitor De Almeida Brito. Análise estrutural da narrativa sonora aplicada ao podcasting: um estudo de “Caso Evandro”. (Dissertação de Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2021. 100 f.

ANDRADE, Alice. Por Um Rádio Que Rompa Silêncios E Silenciamentos: referenciais epistemológicos de raça e gênero para pensar o jornalismo sonoro. In: Anais do 34º Encontro Anual da Compós, Curitiba, 2025a.

ANDRADE, Alice Oliveira de. Enegrecer os estudos radiofônicos: escuta decolonial, epistemicídio e insurgência sonora. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora , v. 16, n. 1, p. 08-36, 16 set. 2025b.

BALSEBRE, Armand. El lenguaje radiofónico. Madrid: Cátedra, 1994.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2022.

BETTI, Juliana Gobbi; LOPEZ, Debora Cristina; FREIRE, Marcelo; GARIGLIO, Livia. Mulheres na pesquisa em história da mídia sonora: um olhar bibliométrico para os estudos radiofônicos. In.: 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Balneário Camboriú, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2024.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13, 2021, Juiz de Fora (MG), Brasil. Anais eletrônicos [...]. São Paulo: Alcar, 2021.

BIROLI, Flávia. O público e o privado. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. Feminismo e política: uma introdução. 1. ed., 1. reimpr. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. . Acesso em: 20 out. 2025.

CARRERA, Fernanda. Para além da descrição da diferença: apontamentos sobre o método da roleta interseccional para estudos em Comunicação. Liinc Em Revista, v. 17, n. 2, e5715, 2021.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo Editorial, 2021.

COSTA, Isabela Bergo. Coletivos Feministas no Instagram: Análise do Feminacida (Argentina) e do Portal Catarinas (Brasil). (Dissertação de Mestrado), Universidade de São Paulo, 2022.

CUNHA, Máгда. Os estudos de rádio e a relação com o ecossistema de mídia: história, consolidação e expansão. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora , v. 12, n. 2, p. 30-46, 19 nov. 2021.

FERRO, Raphaela; ZUCULOTO, Valci. Memoricídio e história do rádio no Brasil: vestígios do apagamento cultural de mulheres. In: Anais do 34º Encontro Anual da Compós, Curitiba, 2025.

FREIRE, Marcelo. Análise automatizada de objetos sonoros: caminhos e desafios metodológicos. In.: 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Vitória, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONZALEZ, Lelia. Por um feminismo afro-latino-americano. Ensaio, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

GUSTAFSON, Jessica; BERTASSO, Daiane. Objetividade jornalística e perspectiva de gênero: tensões e deslocamentos. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 18, n. 1, p. 171–196, 2024. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v18i1p171-196. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/202985..> Acesso em: 17 out. 2025.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, n.5, Campinas: Unicamp, 1995.

JÁUREGUI, Carlos; LOPEZ, Debora Cristina. Sonificação de dados: uma aproximação metodológica. In.: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Virtual, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2021.

JOSÉ, Carmen Lucia. Paisagem sonora: o som nas ondas do rádio. Revista Ghrebh-, São Paulo, v. 1, n. 9, p. 176-195, 2007

KAPLÚN, Mario. A natureza do meio: limitações e possibilidades do Rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci. (Org.). Teorias do Rádio: textos e contextos. Vol 2. Florianópolis: Insular, 2008.

KAPLÚN, Mario. Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção. Tradução Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (Organizadores). São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e Mídias Sociais: Mediações e Interações Radiofônicas em Plataformas Digitais de Comunicação. Rio de Janeiro: MauadX, 2016

KOCHHANN, Roscéli. Por propostas metodológicas de processos de comunicação e interações do rádio contemporâneo. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-graduação em Comunicação, 2024a.

KOCHHANN, Roscéli. Pensar o objeto radiofônico: questões orientativas para um olhar ampliado para pesquisas de processos de comunicação radiofônica. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora , v. 15, n. 3, p. 06-21, 27 dez. 2024b.

LIMA, Samuel Pantoja (Coord.). Perfil do jornalista brasileiro 2021: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. 1. ed. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022.

LOPEZ, Debora Cristina. A complexidade do podcasting como fenômeno. In: KISCHINHEVSKY, Marcelo. Cultura do podcast: reconfigurações do rádio expandido. Rio

de Janeiro: MauadX, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina. Radiojornalismo hipermediático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. 2009. 301 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo. Epistemologías plurales en los estudios radiofónicos. *La Trama de la Comunicación*, [S. l.], v. 29, n. 01, p. 102–136, 2025. DOI: 10.35305/lt.v29i01.893. Disponível em: <https://latrama.unr.edu.ar/index.php/trama/article/view/893>. Acesso em: 21 oct. 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; FREIRE, Marcelo; GOMES, Janaína. Análise de referências com apoio em software: uma proposta metodológica para a abordagem de gênero nos estudos radiofônicos. In: GOBBI, Maria Cristina; MORAIS, Osvando J. de; RENÓ, Denis (org.). *Reflexões e práticas acadêmicas na comunicação latino-americana*. Lisboa: Ria Editorial, 2024.

LOPEZ, Debora Cristina; BETTI, Juliana Gobbi; ROZA, Sabrina; SILVA, Ariane Stefanie da. Perspectivas interseccionais nos estudos radiofônicos: articulações na pesquisa brasileira. *Encuentros Latinoamericanos (segunda época)*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 161–181, 2025. DOI: 10.59999/el.v9i1.2633. Disponível em: <https://ojs.fhce.edu.uy/index.php/enclat/article/view/2633>. Acesso em: 21 oct. 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; CARNEIRO, Dayana Barboza. Podcast Escute as Mais Velhas: olhares alternativos para a história dos feminismos. In: *Encontro Nacional De História Da Mídia*, 15, 2025, Mariana (MG), Brasil. *Anais eletrônicos [...]*. São Paulo: Alcar, 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; CHAGAS, Luãn José Vaz. A multidimensionalidade do objeto radiofônico: caminhos para compreender o debate. *Esferas*, v. 1, n. 23, p. I-XIII, 1 jul. 2022.

LOPEZ, Debora Cristina; FUCCIO, Giovanna; RODRIGUES, Karlo. Jornalismo com perspectiva de gênero no podcast Caso das 10 mil. In: 8º Congresso Internacional Media Ecology and Image Studies – online, 2025.

LOPEZ, Debora Cristina; LEMOS, Gabriely. Jornalismo sonoro com perspectiva de gênero: direitos reprodutivos e aborto legal na série “Sala de Espera”. Mimeo.

LOPEZ, Debora Cristina; OLIVEIRA-LOPES, Vitor Hugo. Análise de discurso sonoro: uma proposta metodológica. In.: 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Balneário Camboriú, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2024.

MAGNONI, Antonio Francisco; VILLEGAS URIBE, Esmeralda; BETTI, Juliana Gobbi. O ensino do rádio na perspectiva pedagógica de Mario Kaplún. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Bauru, 03 a 05 de julho, 2013.

MEDITSCH, Eduardo. Extensão ou incomunicação? Para um reencontro com Freire na comunicação. *MATRIZES*, São Paulo, Brasil, v. 15, n. 3, p. 101–116, 2021. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v15i3p101-116. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/187353>. Acesso em: 19 out. 2025.

MEDITSCH, Eduardo. O rádio na era da informação – teoria e técnica do novo

radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir: a função social da Universidade e os obstáculos para sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

MEDITSCH, Eduardo; BETTI, Juliana Gobbi. Os elementos sonoros na análise da informação radiofônica: em busca de métodos. Anais 16º SBPJor. Goiânia, 2019.

MIGUEL, Katarini; ÁVILA DOS SANTOS, Letícia. Quando o jornalismo encontra o feminismo. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, [S. l.], v. 21, n. 39, 2022. DOI: 10.55738/alaic.v21i39.806. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/806>. Acesso em: 27 out. 2025.

POPADIUK, Barbara Maria; WOITOWICZ, Karina Janz. A perspectiva de gênero e militância nos portais jornalísticos Gênero e Número, Portal Catarinas e Revista Azmina. Seminário Internacional Fazendo Gênero 12, Florianópolis, 2021.

PRATA, Nair. Webradio: novos gêneros, novas formas de interação. Florianópolis: Insular, 2009.

SAFFIOTI, Heleieth. O Poder Do Macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SALOMÃO, Mozahir. Suporte sonoro e as novas mediações. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre, 2004.

SANTOS, Patrícia Consciente Pereira dos. A criação de ambientes através do som: caminhos imersivos no podcast de storytelling ficcional "Contador de Histórias". 2022. 195 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul.-dez. 1995

SILVA, Jaqueline Andriolli, WOITOWICZ, Karina Janz. Enquadramento no jornalismo feminista: considerações sobre um percurso teórico-metodológico. Mediação. v. 26 n. 37, 2024.

SILVA, Taiane; MAIA, Kênia. A Trilha Sonora da Apuração: metajornalismo como estratégia imersiva no podcast "A mulher da casa abandonada". Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora, v. 16, n. 1, p. 148-176, 2025.

SPRITZER, Mirna. O corpo tornando voz: a experiência pedagógica da peça radiofônica. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, 2005.

TRINDADE, Victória de Moura. Mulheres negras na política: o impacto da representação descritiva na apresentação de proposições e no sucesso legislativo na Câmara dos Deputados. 2025. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade de Brasília, Brasília, 2025.

VEIGA DA SILVA, Márcia. Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular, 2014

VIANA, Luana. Jornalismo narrativo em podcast: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. Florianópolis: Insular, 2023.

WOMEN AND leadership in the news media 2025: evidence from 12 markets. Women in News, 2025. Disponível em: <https://womeninnews.org/resource-center/women-and-leadership-in-the-news-media-2025/>. Acesso em: 26 Out. 2025